

# AUTOCONCEITO E APRENDIZAGEM: UMA RELAÇÃO HARMONIOSA

## SELF-CONCEPT AND LEARNING: A HARMONIOUS RELATIONSHIP

*Cláudio Gerhardt<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo contribuir com as reflexões acerca da relação entre a formação do autoconceito dos alunos com o seu processo de aprendizagem. As principais ideias aqui expostas são resultado de uma pesquisa bibliográfica e descritiva, fundamentada no pensamento de teóricos clássicos e contemporâneos que abordam o tema da relação da formação do autoconceito dos alunos com a aprendizagem. Os resultados do estudo mostraram que a família e a escola exercem influência no desenvolvimento do autoconceito da criança, fazendo com que essa construção ocorra de forma positiva e faça diferença no seu processo de aprendizagem. Neste trabalho, buscou-se reunir o maior número de informações que pudessem contribuir para explicar as relações que ocorrem entre esses dois processos. Quanto ao suporte teórico, os principais autores que serviram de base para a realização da pesquisa foram: Miras (2004), Palácios (2004), Hidalgo (1995), Marocco (2008) e Briggs (2006).

**Palavras-chave:** Autoconceito. Aprendizagem. Estímulos.

**ABSTRACT:** This article aims to contribute to the reflections on the relationship between the formation of self-concept of students and their learning process. The main ideas presented here are the result of a literature review and descriptive, based on the thinking of classical and contemporary theorists that address the relationship of the formation of self-concept of students with learning. The results of the study showed that family and school influence the development of self-concept of the child, making this construction occurs in a positive way and making a difference in their learning process. In this work, we tried to gather as much information as possible to help explain the relationships that occur between these two processes. As for the theoretical support, the main authors who provided the basis for the research were: Miras (2004), Palacios (2004), Hidalgo (1995), Marocco (2008) and Briggs (2006).

**Keywords:** Self-concept. Learning. Stimuli.

### 1 INTRODUÇÃO

Em nossas salas de aula, tem sido comum encontrarmos muitos estudantes que não acreditam em suas habilidades e competências, que transformam a frase “eu não sei” em um verdadeiro bloqueio mental para a construção do aprendizado. Muitos desses alunos expressam a negação de suas qualidades como aprendizes, sem ao menos tentar realizar a tarefa pedagógica proposta pelo docente.

Mantendo essa atitude de contrariedade, de resistência, os alunos podem estar comprometendo todo o seu processo de aprendizagem, pois, se estiverem convencidos de que não têm capacidade suficiente para realizar as atividades escolares, acabarão se desmotivando e, com o tempo, desistindo de tentar. Assim, ao abandonarem as tarefas escolares, estarão, muitas vezes, desistindo de si mesmos como aprendizes.

Ao longo da história da Psicologia, observamos uma abordagem intensa acerca da problemática do “eu”.

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI). Monitor educacional na escola Santa Joana Francisca – Picada Café. E-mail: claudioghdt@hotmail.com

Os primeiros indícios de registro do estudo sobre o tema apontam a célebre frase do filósofo grego Sócrates (479-399 a.C.) “conhece-te a ti mesmo” como marco de referência na busca do conhecimento sobre o ser humano. Já em estudos mais recentes, Hidalgo e Palácios (1995) afirmam que, na América, os estudos iniciais se evidenciam no início do século XX com as definições para o “eu” (sujeito/ aquele que conhece) e o “mim/me” (o eu como sujeito, como o conhecido). Os mesmos autores ainda destacam o “eu” como sendo uma construção social, ou seja,

o eu como um espelho (isto é, as pessoas significativas para a criança constituem o espelho em que ela se olha para tomar consciência da visão que os demais têm dela, visão que depois ela incorporará como sua própria forma de se ver (HIDALGO; PALÁCIOS, 1995, p. 184).

Os estudos sobre o autoconceito no Brasil começaram a surgir aliados aos defensores das ideias do Movimento da Escola Nova, sendo difundidos através dos cursos de orientação educacional, onde também se originou o Serviço de Orientação Educacional (SOE) nas instituições de ensino. Sobre esse assunto, Oliveira (1994, p.17) destaca que houve, na época, um grande interesse dos educadores sobre o desenvolvimento afetivo dos estudantes para poder compreender melhor algumas questões psicológicas na escola. O autor explica, entretanto, que, à medida que foram sendo introduzidos outros aspectos de caráter político e social, as produções bibliográficas sobre o autoconceito diminuíram sensivelmente. Oliveira (1994, p. 17) ressalta que “na década de 1980, pouquíssimos trabalhos foram publicados a esse respeito no Brasil”, o que foi percebido durante o desenvolvimento do estudo que deu origem a este artigo, pois encontrou-se grande dificuldade em localizar referenciais bibliográficos sobre o tema do autoconceito entre os autores clássicos da educação brasileira.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é poder contribuir com as discussões e pesquisas que pretendem estabelecer uma relação direta entre a construção do autoconceito do aluno e seu processo de aprendizagem.

## 2 A CONSTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO DO ALUNO E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM

Em sala de aula, quando o professor é questionado por seus alunos sobre os motivos de ter que aprender determinado conteúdo, percebe-se a existência de atribuição de um sentido pessoal à aprendizagem. Essa ne-

cessidade de atribuição de significado é carregada de uma dimensão emocional e afetiva. Segundo Miras (2004, p. 209), essa dimensão tem ocupado um lugar secundário entre as prioridades das pesquisas psicoeducacionais das últimas décadas. Já nos últimos anos, de acordo com a autora, os modelos escolares têm passado uma imagem do professor e do aluno em sua dimensão mais racional e consciente. Ela ainda destaca que os professores e alunos parecem relacionar-se entre si com o mero objetivo de desenvolver conhecimentos formais, ou seja, o professor teria a função de apenas ajudar o aluno nesse processo de construção.

A partir dessa constatação, pode-se considerar que a sala de aula é um grande laboratório que permite que se observe e questione o desenvolvimento humano, principalmente no período que compreende os primeiros anos do Ensino Fundamental.

A sala de aula, nesse caso, deve contemplar todos os aspectos necessários para que ocorra um desenvolvimento considerado adequado pela sociedade da qual o aluno participa. Considerando que o ser humano tem a necessidade de ser ouvido, acolhido e valorizado – pois somente dessa forma estará construindo significativamente uma boa imagem de si mesmo –, o professor tem muito a contribuir com a aprendizagem do seu aluno, já que a mesma está fortemente ligada à construção do autoconceito. Sabendo disso, a relação professor/aluno deve ser pautada da forma mais próxima possível, fundamentada no respeito e na troca de experiências de vida, realizando e possibilitando a construção de novos conhecimentos.

Em relação ao ambiente familiar, o mesmo está diretamente relacionado à construção do autoconceito do aluno, poder-se-ia pensar que o ato de educar deveria ocorrer, em todas as famílias, como uma tarefa natural, assim como ensinar a criança a andar, a se alimentar, a brincar. No entanto, percebe-se que, em muitos casos, essa função não está sendo bem desempenhada. E, quando ocorre essa falta por parte da família, o papel da escola fica ainda muito mais difícil, pois a educação é uma tarefa complexa e deve ser desempenhada por todos os envolvidos com os estudantes. Miras (2004, p. 210) afirma que:

Os processos escolares de ensino e aprendizagem são processos que necessariamente envolvem as pessoas de uma forma global; parece lógico que, do mesmo modo, é importante considerar os diferentes fatores que diferem a capacidade e os recursos cognitivos do aluno em face de um determinado processo de aprendizagem.

As pessoas com quem as crianças convivem quando nascem fazem parte do primeiro grupo social e, geralmente, são seus familiares, representando assim o contato afetivo da criança. À medida que vai avançando no seu desenvolvimento, a criança começa a manter contato e a participar de outros grupos sociais, como a escola, a turma da doutrina, entre outros.

Esses grupos têm significativa influência sobre a construção do autoconceito e da autoestima do indivíduo. Segundo Miras (2004, p. 210-211):

O autoconceito postula a ideia do eu como objeto de conhecimento em si mesmo e atualmente tende a ser concebido como uma noção pluridimensional, que engloba representações sobre diferentes aspectos da pessoa (aparência e habilidades físicas, capacidades e características psicológicas diversas, capacidades de relação interpessoal e social, características morais).

A autora ainda destaca que a autoestima refere-se à avaliação afetiva que nós fazemos de nosso autoconceito em seus diferentes componentes, ou seja, como a pessoa se valoriza e se sente em relação às características que se autoatribui. Sendo assim, as pessoas podem distinguir-se entre si em função de uma autoestima mais ou menos positiva. Além disso, uma pessoa com um nível de autoestima positivo tende a valorizar-se mais e sentir-se bem consigo mesma, enquanto que uma pessoa com o nível de autoestima baixo ou negativo geralmente se valoriza pouco e se sente mal consigo mesma. Miras (2004, p. 210) explica claramente que manter o autoconceito positivo é, sem dúvida, um dos êxitos cruciais do desenvolvimento psicológico de um indivíduo. Considerando que o autoconceito representa as características que atribuímos a nós mesmos e a autoestima é a avaliação afetiva que fazemos dessas características. Dessa forma, é possível afirmar que o indivíduo com autoconceito positivo conseqüentemente terá sua autoestima positiva.

O autoconceito e a autoestima sempre fazem referências às representações da avaliação afetiva de determinados aspectos do indivíduo em um determinado momento de sua vida. Nessa construção do autoconceito, têm significativa influência as representações que as crianças fazem do seu futuro. Para Markus e Nurius apud Miras (2004, p. 211):

A representação de si mesmo no futuro inclui uma variação de eus possíveis: o eu que a pessoa espera ser; o eu que a pessoa acredita que deve ser; o eu que a pessoa desejaria ser e o eu que a pessoa teme chegar a ser.

O valor heurístico, ou seja, o determinado grau de importância que a pessoa destina para essas representações, auxilia na identificação de duas funções fundamentais, determinando o cumprimento dessas representações em seu futuro. Uma dessas funções dos “eus” possíveis é a orientação da conduta do comportamento do indivíduo, visando sempre à existência do “eu” que a criança deseja alcançar e o “eu” que a criança deseja evitar. Dessa maneira, as aspirações infantis, os temores e afetos estão ligados a essas representações dos “eus” possíveis.

Outra função do valor heurístico dessas representações é a possibilidade de construção de padrões de referência para que o indivíduo possa realizar a avaliação de seu autoconceito e de sua conduta atual em seu cotidiano, influenciando diretamente sua autoestima.

O autoconceito que uma criança tem de si mesma terá reflexos em suas ações no relacionamento com as demais pessoas pertencentes a seu grupo social. Portanto, quando ela começa a participar de um novo grupo social como a escola e apresenta uma imagem negativa de si mesma, ou seja, tem seu autoconceito negativo, provavelmente ela irá demonstrar um comportamento diferenciado dos demais colegas, tais como: agressividade excessiva ou apatia diante dos outros indivíduos, sentimento de vingança, desonestidade, deslealdade com os outros, entre outros comportamentos considerados inadequados pela sociedade da qual participa.

Assim como toda a aprendizagem dos seres humanos resulta de um processo, o relacionamento com as demais pessoas também é resultado de uma construção contínua ao longo de toda a vida. Mesmo o ser humano sendo ou devendo ser sociável por natureza, devemos considerar que o relacionamento é algo que deve ser aprendido e aprimorado durante toda a nossa existência.

O processo de construção do autoconceito dos seres humanos apresenta grande complexidade, pois sofre a influência de diversos fatores. Entre eles, no ambiente escolar, podemos considerar aspectos relacionados à imagem que os colegas têm uns dos outros (imagem de fora); o quanto o aluno acredita em seu potencial para resolver situações desafiadoras apresentadas a ele em seu cotidiano e ainda as conseqüências que essas representações têm para ele, como, por exemplo, o desânimo diante das primeiras dificuldades quando acha que não tem capacidade para enfrentá-las.

Percebendo isso, a escola, como grupo social que faz a mediação de diferentes relações entre os indivíduos

que a compõem, deve proporcionar as melhores condições de aprendizagem, desenvolvendo ações que estimulem o resgate do autoconceito positivo de seus alunos. Considerando que o autoconceito tem uma significativa relação com a motivação e o interesse do estudante para realizar as aprendizagens propostas a ele, os estímulos afetivos podem ser considerados os principais norteadores para a construção de um autoconceito positivo.

Entre esses estímulos afetivos podem manifestar-se outros sentimentos, incluindo aspectos subjetivos (tristeza, raiva, desprezo, ódio, amor, idolatração, afeto, carinho, etc.) e as nossas ações expressivas (sorrisos, gritos, lágrimas). Para Oliveira (1998, p. 29), o nosso emocional tem grande influência sobre o nosso desenvolvimento intelectual. Podemos afirmar que é ele quem constrói o ritmo de nossa aprendizagem, pois só despertamos o interesse em realizar a aprendizagem quando essa tem significado para nós, já que levamos em conta os nossos aspectos subjetivos para atribuir valor aos fatos.

Quando se estabelece o vínculo afetivo entre professor e aluno, a aprendizagem, a motivação e a disciplina tornam-se para o aluno uma conquista, que vai influenciar significativamente o seu autoconceito acadêmico, pois esse contempla aspectos sobre a aprendizagem que influenciam diretamente o autoconceito geral do estudante.

Esse vínculo afetivo fortalece a relação entre professor e aluno, contribuindo para que o professor consiga despertar no aluno o seu interesse por aprender. Por outro lado, o professor que se mostra indiferente diante das ações de agressividade e de desonestidade dos seus discentes pode estar comprometendo todo o seu desenvolvimento escolar. Para auxiliar o aluno a avançar em seu processo de aprendizagem, o professor precisa e deve acreditar fortemente que ele tem capacidade de realizar as atividades propostas.

Nessa relação constituída durante o processo de construção do conhecimento, os sujeitos envolvidos, mesmo que inconscientemente, constroem suas projeções pessoais e também realizam suas projeções nos demais sujeitos envolvidos. Na sala de aula, Miras (2004, p. 114) explica que:

Do mesmo modo que os alunos e os professores têm uma representação de si mesmo, também elaboram uma representação das características dos outros, constroem uma representação de suas capacidades, seus motivos e suas intenções. Tais representações desempenham um papel determinante nas relações interpessoais que se estabelecem nos processos educacionais e, conseqüentemente, incidem sobre seus resultados.

Portanto é necessário que seja estabelecida uma relação harmoniosa entre o professor e aluno, pois, conforme vão se constituindo esses vínculos entre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, também são formuladas essas representações e assim são construídas as expectativas, tanto do professor em relação ao desempenho do aluno como do aluno em relação à atuação do professor. Miras (2004, p. 214) ressalta que “as representações, as expectativas e as atribuições com que o aluno se depara em um determinado processo de aprendizagem têm incidência desse processo em seus resultados”.

Nesse processo de construção, o professor vai desempenhar o papel de mediador entre o discente e o conhecimento, para que ele possa realizar a aprendizagem. Dessa forma, o professor estará abrindo caminhos para que o aluno possa:

[...] elaborar uma representação sobre o que deve aprender, como deve aprender e, em particular, porque supõe que deve aprendê-lo. Poder representar para si a tarefa de aprendizagem e em particular os motivos pelos quais se supõe que deve realizá-la determina claramente a possibilidade de que o aluno experimente a aprendizagem como um objetivo pessoal (MIRAS, 2004, p. 218).

Quando a criança consegue realizar essa representação da aprendizagem, consegue facilitar o processo de significação da mesma, tornando-a um objetivo pessoal. Assim, ela estará aprendendo por vontade própria, porque ela quer aprender e não por imposição do docente ou do sistema educacional. A experiência da criança com esse sentimento de autonomia permite a ela fazer a construção do conhecimento como um objetivo pessoal, percebendo a aprendizagem como uma necessidade pessoal.

Quando o aluno não consegue realizar essa relação entre a aprendizagem que está sendo proposta e seus objetivos pessoais, o mesmo não terá vontade em aprender, e quando isso ocorre, o estudante apresenta constantemente atitudes de desânimo, falta de atenção e concentração. Começa a demonstrar interesse por outras ações que estão ocorrendo ao seu redor e, conseqüentemente, não realiza uma aprendizagem significativa e duradoura.

Nesse ambiente, o aluno até pode reter as informações por algum período, mas dificilmente esses conteúdos ou disciplinas farão parte de seu repertório de aprendizagens significativas. Para Miras (2004, p. 218), “o vínculo entre o autoconceito e a autoestima atual do aluno e seus interesses imediatos e entre seus interesses latentes e seus eus possíveis parece indiscutível”. Acreditando na importância de haver, por parte do aluno, o

desejo de aprender, o professor deve agir de forma a mantê-lo disposto a receber e realizar determinada aprendizagem, pois dessa forma a construção do conhecimento estará sendo colocada como objetivo a ser alcançado pelo aluno. Somente com essa relação de apoio por parte do professor é que o educando estará atribuindo significado ao ato de aprender e de construir novos conhecimentos ao longo da vida.

Outro fator que o estudante leva em consideração, mesmo inconscientemente, para realizar determinada tarefa é o seu sentimento de competência. Esse sentimento é definido por Miras (2004, p. 218) como “o conjunto de crenças que o aluno tem a respeito de suas próprias habilidades para aprender em situação concreta”. Esse fator está ligado diretamente ao autoconceito geral, mais especificamente ao autoconceito acadêmico. Como consequência, terá influência direta sobre a autoestima, servindo como padrão de referência para a descrição de suas qualidades atributivas.

Analisando mais detalhadamente o processo de construção do autoconceito em ambiente escolar, pode-se perceber que ser competente não significa que o aluno, necessariamente, tenha que realizar a tarefa de maneira individual, autônoma e sozinho. Pelo contrário, a representação que o aluno tem de seu professor e de seus colegas pode desempenhar importante influência sobre a sua avaliação de competência. A percepção do aluno de estar inserido em um ambiente democrático, juntamente com a caracterização de seu docente como importante fonte de ajuda, ao reconhecê-lo como aprendiz, podem ser fatores importantes e decisivos na construção de *feedbacks*<sup>2</sup> positivos que, como se sabe, desempenham uma função importante na construção de uma imagem positiva do aluno sobre si mesmo.

A relação entre os processos de formação do autoconceito e a aprendizagem dos alunos parece ser indissociável, considerando que esses processos ocorrem de forma simultânea, apresentando fatores que influenciam, ao mesmo tempo, as diferentes construções, ou seja, os dois processos. Entre esses fatores pode-se salientar a influência da representação que o aluno tem de seu professor e de seus colegas.

Quando o aluno chega à conclusão de que não é capaz de realizar a atividade, mesmo sem ao menos tentar, isso incide negativamente sobre a sua percepção de competência, fator, por sua vez, incidente sobre a construção de seu autoconceito.

Para que o aluno consiga realizar uma aprendizagem significativa, que não seja somente uma memorização dos conceitos que envolvem os conteúdos escolares, ele precisa ser considerado, pelo professor, em seu desenvolvimento integral, ou seja, é preciso compreender que são vários os fatores que influenciam o processo de aprendizagem, não somente os de ordem cognitiva. Os autores Villa Sánchez e Auzmendi Escribano (1999, p. 49) apontam que:

[...] muitos teóricos afirmam que o autoconceito desempenha um papel importante no processo educativo. O rendimento dos alunos na escola sofre influências não só do que sabem como também de suas atitudes e motivação. O campo afetivo (a motivação do bom resultado, o autoconceito, etc.) pode ser um importante elemento do desenvolvimento acadêmico.

Com certeza, temos que considerar que tanto o êxito como o fracasso escolar dependem de diversos fatores que contemplam o desenvolvimento do aluno, de modo integral, principalmente os fatores cognitivos, emocionais e comportamentais. Esses fatores devem estar em perfeita harmonia, pois quando isso não acontece, a aprendizagem do aluno acaba sendo prejudicada, influenciando negativamente sua própria imagem e, conseqüentemente, sua autoestima.

Ao realizar a pesquisa bibliográfica de forma mais aprofundada sobre o tema, podemos verificar uma relação de causa e efeito entre o autoconceito dos alunos e a aprendizagem. Diante dessa constatação, surge o seguinte questionamento quanto à ordem das ocorrências: O autoconceito é um fator que exerce influência sobre a aprendizagem? Ou é a aprendizagem que exerce influência sobre o autoconceito? Os autores Villa Sánchez e Auzmendi Escribano (1999) apresentam argumentos que defendem os dois aspectos da relação entre esses dois conceitos. A influência direta do autoconceito na aprendizagem é defendida por eles com os argumentos de que,

ao aceitar, respeitar ou amar a criança como ela é, ela tem a oportunidade de adquirir uma atitude de autoaceitação e de respeito para consigo mesma. Com essa atitude, possui maior liberdade para desenvolver suas capacidades cognitivas e adaptar-se à situação escolar (SÁNCHEZ; ESCRIBANO, 1999, p. 50).

Quando a criança consegue perceber que os adultos que são significativos para ela valorizam sua aprendizagem, ela começa também a valorizar o seu potencial, como confirma Briggs (2000, p. 16) “as crianças valori-

<sup>2</sup> Palavra do idioma inglês adaptada para o português; no contexto empregado, tem o significado de dar retorno, ou seja, o retorno que a criança tem da visão do professor em relação a ela própria.

zam a si mesmas à medida que forem valorizadas”. Com a afirmação positiva dos adultos, a criança começa a apresentar uma proatividade, ou seja, começa a mostrar o desejo por realizar suas tarefas escolares e, como consequência, tem mais oportunidade de obter êxito nessas atividades, melhorando, assim, os seus resultados. Além disso, apresentarão menos resistência diante das dificuldades, com ânimo para encontrar a melhor estratégia na resolução de seus problemas. Dessa forma, pode-se afirmar que a criança que recebe essa valorização positiva dos adultos tem mais possibilidade de conquistar um resultado favorável, mais próximo do esperado, pois, diante dos obstáculos, sua frustração será menor do que a de uma criança que não recebe o apoio dos adultos.

A maneira com que os adultos cuidam da criança, a qualidade de suas interações, a forma de comunicação, em geral, que se estabelece, permite a construção interna de modelos que servirão de referência e auxílio na percepção de suas competências e habilidades. Em outras palavras, como destacado por Briggs (2000, p. 7), “ajudar as crianças a desenvolver sua autoestima é a chave de uma parentalidade bem-sucedida”. Uma relação harmoniosa entre adultos e crianças pode contribuir para a formação do autoconceito positivo e servir de base para a autoestima do aluno.

Já do ponto de vista da influência direta da aprendizagem sobre o autoconceito, Sánchez e Escribano (1999, p. 50) defendem que “é preciso melhorar, em primeiro lugar, o rendimento do aluno para que assim seja possível modificar a imagem negativa que ele tem de si mesmo”. Nesse argumento, podemos perceber que o rendimento mencionado se refere ao rendimento escolar, que podemos considerar como sinônimo de aprendizagem.

Quando o aluno percebe que tem a capacidade de realizar determinadas tarefas, superando as dificuldades que as mesmas impõem a ele, o mesmo sente maior segurança para ser o protagonista de sua aprendizagem. Isso ocorre porque ele estará abandonando o papel de vítima e o seu sentimento de incompetência, adquirindo uma visão de agente ativo na construção de seu conhecimento, melhorando assim seu autoconceito.

Pode-se considerar a relação do autoconceito e o processo de construção da aprendizagem do aluno como um ciclo que se retroalimenta, ou seja, quando o aluno tem um autoconceito positivo, apresentará maior ânimo em realizar suas tarefas escolares, tendo maior facilidade de aprender. Quando o aluno tem um autoconceito negativo, não apresentará proatividade para concluir suas tarefas, apresentando grandes dificuldades em várias áreas de conhecimento, inclusive na comportamental.

A relação entre o autoconceito e a aprendizagem começa a ficar mais evidente a partir dos oito anos de idade, quando os alunos apresentam maior estabilidade em suas autodescrições, incluindo aspectos mais abstratos, pois com o passar do tempo o indivíduo começa a aumentar suas experiências de fracasso, tendo maior consciência de suas capacidades e limitações. Anteriormente a esse período, a percepção em relação às suas características, habilidades e competências geralmente são de valoração positiva distorcida da realidade e influenciada diretamente por fatores externos.

Considerando os dois argumentos, percebe-se que é praticamente impossível separar os fatores relativos ao autoconceito dos fatores relativos à aprendizagem, já que se acredita existir uma estreita relação entre os dois conteúdos devido aos dois processos acontecerem simultaneamente ao longo do desenvolvimento cronológico dos estudantes. Os autores Burns apud Sánchez e Escribano (1999, p. 50) afirmam que:

[...] é difícil, na prática, separar os efeitos do autoconceito e do rendimento acadêmico. Sem dúvida, muitos pesquisadores continuam tentando. Isto não demonstra a falta de compreensão do problema e sim a debilidade das técnicas de pesquisa. Em suma, os pesquisadores terão que se conformar em descrever as condições pelas quais um ou outro fator atua como variável.

Acredita-se que essa dificuldade em separar os dois conceitos ocorra devido à existência de aspectos que influenciam os dois processos e devido à limitação das técnicas de pesquisa, pois se os mesmos aspectos incidem sobre os dois processos, não podem ser separados. Na última década, com o rápido desenvolvimento das neurociências, ficou definitivamente reconhecido o papel que as emoções desempenham em nossa vida diária. Levando esse conhecimento para a área da educação, percebe-se que a criança, ao longo do seu processo de aprendizagem, estará sempre sendo influenciada por seus aspectos psicológicos e emocionais.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que o autoconceito desempenha importante função sobre a aprendizagem dos alunos, e esse fato deve ser continuamente divulgado e lembrado no cotidiano do professor. A importância da construção do autoconceito não pode ser esquecida ou simplesmente abandonada no contexto educacional, pois, quando isso acontece, a aprendizagem do aluno pode estar sendo seriamente comprometida.

Considerando que os professores são os profissionais que estão diariamente em contato com as crianças, esses devem exercer o papel de motivadores da aprendizagem de seus alunos, promovendo experiências de sucesso a partir de sua prática. Esse professor deve estar sempre estimulando seus alunos a aplicar maiores esforços, a ser mais persistentes diante dos desafios propostos no desenvolvimento das atividades escolares.

Quanto mais os alunos obtiverem sucesso na realização das tarefas escolares, mais consciência de suas habilidades e competências eles estarão desenvolvendo. Isso os auxiliará a construir a autoimagem mais próxima possível da realidade, mais positiva, com mais estabilidade, não sendo facilmente influenciada por fatores externos, o que contribuirá significativamente na sua aprendizagem.

O desenvolvimento de um ambiente adequado para aprendizagem, onde existe certa harmonia entre os fatores comportamental, emocional e cognitivo das crianças, com a referência positiva dos adultos, auxilia a criança na aquisição de mais segurança em suas ações. E, quando a criança adquire confiança, ela tem um estado emocional equilibrado para poder explorar, aprender e comportar-se corretamente, adquirindo autocontrole sobre as ações com o passar do tempo.

A maneira com que os adultos cuidam da criança, a qualidade das interações, a forma da comunicação, em geral, que se estabelece permitem a ela construir modelos de si mesma. Em outras palavras, o olhar dos pais e dos adultos sobre a criança contribui para a formação do autoconceito, que é a base na construção da autoestima.

Sendo assim, uma criança que recebe afeto, cuidado, atenção necessária, limites adequados está recebendo, na verdade, uma importante base para perceber e enfrentar as diferentes situações da vida de maneira mais positiva.

Já o contrário, a criança que vai estabelecendo uma visão de mundo pessimista e que realiza uma leitura de que as pessoas podem causar dano a ela consequentemente percebe o mundo de forma mais negativa.

O adulto, então, é quem vai exercer esse papel primordial, que é de possibilitar à criança um suporte para que aprenda a regular as suas emoções. A regulação afetiva somente pode ter lugar através da relação com o outro.

Por tudo isso, quando a família proporciona um ambiente positivo através de uma educação de valores eficiente, pautada no respeito mútuo entre pais e filhos, está servindo de exemplo positivo na vida da criança. Os pais precisam estar sempre valorizando as conquistas dos seus filhos, estimulando-os a superar as suas di-

ficuldades, proporcionando segurança e acompanhando durante a trajetória escolar, principalmente durante a Educação Básica.

E a escola, por sua vez, através dos professores, é responsável por elaborar estratégias pedagógicas adequadas às habilidades e competências dos estudantes, segundo o seu nível de ensino. Assim, quando esses dois ambientes, a família e a escola, preocupam-se em dar destaque aos fatores positivos na vida da criança, sempre apontando os aspectos que ela tem a melhorar, essa construirá uma imagem positiva de si mesma e terá um ambiente favorável à sua aprendizagem.

### REFERÊNCIAS

- BRIGGS, Dorothy Corkille. **A auto-estima do seu filho**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- MAROCCO, Armando. **Construindo valores: uma resposta ao problema dos contravalores e da falta de valores**. São Leopoldo: Unisinos, 2008.
- MIRAS, Mariana. Afetos, emoções, atribuições e expectativas: o sentido da aprendizagem escolar. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 209-222.
- OLIVEIRA, Ivone Martins de. **Preconceito e autoconceito: identidade e interação na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1994.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1998.
- PALACIOS, Jesús; HIDALGO, Victoria. Desenvolvimento da personalidade dos seis anos até a adolescência. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 252-267.
- HIDALGO, V.; PALACIOS, J. O desenvolvimento da personalidade dos 6 aos 12 anos. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 243-249.
- SABER, Maria da Glória. **Piaget: o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. São Paulo: Scipione, 1997.
- SÁNCHEZ, Aurélio Villa; ESCRIBANO Elena Auzmendi. **Medição do autoconceito**. Bauru: EDUSC, 1999.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.